



PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
(ORGANIZADOR)



PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA
(ORGANIZADOR)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof^ª Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
 Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
 Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
 Prof^ª Dr^a Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
 Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^ª Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
 Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
 Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
 Prof^ª Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
 Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof^ª Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
 Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
 Prof^ª Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
 Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
 Prof^ª Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
 Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
 Prof^ª Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
 Prof^ª Dr^a Natéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^a Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
 Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^a Angéli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
 Prof^ª Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
 Prof^ª Dr^a Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
 Prof^ª Dr^a Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
 Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
 Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof^ª Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
 Prof^ª Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
 Prof^ª Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof^ª Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
 Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
 Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
 Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
 Prof^ª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
 Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
 Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
 Prof^ª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
 Prof^ª Dr^a Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
 Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
 Prof^ª Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Prof^ª Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
 Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
 Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Prof^ª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
 Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^a Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof^ª Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
 Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
 Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
 Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
 Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
 Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
 Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
 Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
 Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
 Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof. Me. Gustavo Krahel – Universidade do Oeste de Santa Catarina
 Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
 Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
 Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
 Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
 Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
 Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná
 Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
 Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
 Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembí Morumbi
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
 Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
 Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
 Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Sullivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza
 Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará
 Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Psicologia: trabalho e sociedade, cultura e saúde

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
P974	Psicologia: trabalho e sociedade, cultura e saúde / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5983-268-2 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.682210707 1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título. CDD 150
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou permite a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coletânea *Psicologia: Trabalho e Sociedade, Cultura e Saúde*, reúne em seu primeiro volume, dezoito artigos que abordam diversas temáticas no que diz respeito às questões fundamentais da Psicologia na contemporaneidade.

A psicologia enquanto ciência retoma muitas iniciativas tanto da filosofia quanto da fisiologia, que desde a antiguidade tenta se ocupar, com reservas, das tramas, conflitos, funcionamento e atitudes internas e “mentais” do homem. Nessa veia, os laboratórios germânicos surgem para descrever e tabular esses comportamentos internos do homem e tornar explícitos os mecanismos que levam ao funcionamento mais íntimo da vida humana.

No entanto, a psicologia enquanto profissão gasta ainda um tempo para se lançar tímida ao mundo. Apesar dos laboratórios, dos testes franceses iniciados por Janet e outros, é possível marcar o início da profissão do psicólogo na virada do século XIX, nos Estados Unidos.

Mas vale lembrar que a profissão em torno da Psicologia, não se limitou apenas aos atos clínicos. Da criação de testes, ao estudo laboratorial do comportamento humano, uma infinidade de novas práticas se somaram para compor o cenário único do universo psicológico.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A ESCRITURA E A IMPLICAÇÃO NO TRABALHO DE PESQUISA

Cinthia Lucia de Oliveira Siqueira

Joao Batista Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107071>

CAPÍTULO 2..... 14

“NINGUÉM NUNCA FICARÁ ENTRE”: A DINÂMICA E ESTRUTURA DA PSICOSE EM BATES MOTEL

Débora Maria Biesek

Samanta Antoniazzi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107072>

CAPÍTULO 3..... 28


DEPRESSÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Mylena Menezes de França

Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello

Silvana Barbosa Mendes Lacerda


Elvira Daniel Rezende

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107073>

CAPÍTULO 4..... 40

CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A CIRCULAÇÃO DA PALAVRA NA EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE LEITURA PALAVRAS LIVRES EM UM PRESÍDIO


Luciane Maria Ribeiro da Cruz Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107074>

CAPÍTULO 5..... 48

O CONTO COMO RECURSO PSICOPEDAGÓGICO


Maria Creusa Mota

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107075>

CAPÍTULO 6..... 58

SER (LOUCO) OU NÃO SER: EIS A QUESTÃO

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107076>

CAPÍTULO 7..... 61

BARALHO DO SONO: UM RECURSO PSICOEDUCATIVO PARA PAIS E FILHOS

Camila Espíndula da Silva


Francielle Silva Ferreira Zago

Suélen Rocha Centena Pizarro

Anelise Abascal Pastorini Brião

Giuliana Tort de Oliveira


Lenise Alvares Collares
Stefânia Martins Teixeira Torma
Suzana Catanio dos Santos Nardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107077>

CAPÍTULO 8..... 74

A EDUCAÇÃO E A PROFISSIONALIZAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM PERIFERIAS URBANAS


Aida Guerreiro de Oliveira
Edicléa Mascarenhas Fernandes
Elizabeth Rodrigues de Oliveira Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107078>

CAPÍTULO 9..... 86

DESEMPENHO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO EM TAREFAS DE FUNÇÃO MANUAL, LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

Larissa Soares Silva
Stefanie Pischel
Andressa Gouveia de Faria Saad
Silvana Maria Blascovi-Assis
Cibelle Albuquerque de La Higuera Amato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6822107079>

CAPÍTULO 10..... 102

O TRANSTORNO DE DEFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: CONCEITUAÇÃO E BREVE PERCURSO HISTÓRICO


Danielly Berneck Côas Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070710>

CAPÍTULO 11..... 115

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA DEMOCRÁTICA

Amanda Luiza Weiler Pasini
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070711>

CAPÍTULO 12..... 123

O RELACIONAMENTO ENTRE FILHOS E PAIS/CUIDADORES É O INGREDIENTE ESSENCIAL E ATIVO

Lucena Albino Muianga


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070712>

CAPÍTULO 13..... 137

AS CONTRIBUIÇÕES DA INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO NO ÂMBITO DA ESCOLA PÚBLICA: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Marileudi Moreira Garcia
Yloma Fernanda de Oliveira Rocha


Ruth Raquel Soares de Farias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070713>

CAPÍTULO 14..... 150

O QUE PODE O CORPO FEMININO EM SUAS MÚLTIPLAS POTENCIALIDADES?

Lígia Christine Pereira Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070714>

CAPÍTULO 15..... 161

ECONOMIA SOLIDÁRIA, TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO e PROTAGONISMO FEMININO: (SOBRE)VIVÊNCIAS E DESIGUALDADES

Ana Beatriz Trindade de Melo

Carlúcia Maria Silva

Gilberto Braga Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070715>

CAPÍTULO 16..... 174

IMPASSES NA EFETIVAÇÃO DO MOVIMENTO FEMINISTA

Andressa de Lima Pinheiro

David Marconi Polônio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070716>

CAPÍTULO 17..... 185

PSICOLOGIA POSITIVA: POTENCIALIDADES HUMANAS EM SUJEITOS TRANSEXUAIS

Guilherme Faquim Simão

Maria Jaqueline Coelho Pinto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68221070717>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 201

ÍNDICE REMISSIVO..... 202

O QUE PODE O CORPO FEMININO EM SUAS MÚLTIPLAS POTENCIALIDADES?

Data de aceite: 01/07/2021

Data de submissão: 15/05/2021

Lígia Christine Pereira Martins

Universidade do Estado de Minas Gerais

UEMG

Varre-sai, Rio de Janeiro

<http://lattes.cnpq.br/3916002251510652>

RESUMO: Considerando as intensas transformações que marcam o corpo feminino, que esteve demarcado desde os primórdios como alvo de objetificação por uma sociedade patriarcal, a partir de um discurso que enquadrava e que até hoje almeja enquadrá-lo como alvo do poder, sustentado por pilares religiosos, médicos e Estatais, buscou-se analisar a constituição de processos de captura que despotencializam este corpo através de enquadramentos que privam suas múltiplas potencialidades. Percebendo deste modo que a maternidade se colocava como a maior fonte de captura e aprisionamento do corpo feminino, objetivou-se através da metodologia História Oral de Vida entender tais enquadramentos em relação a mulher na vivência materna ao longo deste século, assim como os caminhos de resistências trilhados por estas que contribuem com esta pesquisa e por tantas outras que de alguma forma possam se sentir representadas por este estudo, para que ela possa ser vista além do que comporta externamente em seu corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Sociedade.

Maternidade. Captura.

WHAT CAN THE FEMALE BODY IN ITS MULTIPLE POTENTIALITIES?

ABSTRACT: Considering the intense transformations that mark the female body, which has been demarcated since its beginnings as the object of objectification of a patriarchal society, from a discourse that it framed and that until today seeks to frame it as a target of power, sustained by religious pillars, doctors and the State, sought to analyze the constitution of capture processes that depotentialize this body through frameworks that deprive its multiple potentialities. Aware in this way that motherhood was situated as the greatest source of capture and imprisonment of the female body, it was sought through the methodology of the Oral History of Life to understand such references in relation to women in the maternal experience throughout this century, as well as the resistance paths traced by those who contribute to this research and by so many others who can somehow feel represented by this study, so that you can see beyond what you have externally in your body.

KEYWORDS: Woman. Society. Maternity. Capture.

1 | INTRODUÇÃO

O corpo, independente do gênero que ocupa, sempre esteve atravessado por mecanismos de poder que constantemente se atualizam almejando docilizá-lo, para que funcione a serviço da organização social. No

entanto, o gênero, a raça, a classe social entre outros fatores, são determinantes na forma em que o poder irá se inserir em cada corpo, incorporando-se à ele e apropriando-se de sua potência criativa “para coloca-la de fato no poder [...] cujo objetivo é o de fazer desta potência o principal combustível de sua insaciável hipermáquina de acumulação de capital” (ROLNIK, 2016, p.18). Atualmente o poder que se debruça sobre o corpo feminino não se coloca de forma tão aberta e direta como em outros tempos, ele é tão sutil que se insere por micro lugares operando capturas que de tão fluidas tonam-se precisas, construindo uma “violência simbólica da cultura predominante que coloniza nossa mente, distorce nosso corpo e silencia nossa voz; a ‘lenta’ violência ambiental que corrói nossas comunidades e nosso habitats” (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 62) todo o nosso território vivencial.

Isto posto, historicamente temos visto a maternidade ser atrelada como algo inerente à mulher, fazendo parte de quem ela é antes mesmo de construir sua própria auto percepção, compondo mecanismos de dominação e docilização. Todavia, tendo em vista que, assim como aponta Simone de Beauvoir (2016b, p. 11) “ninguém nasce mulher: torna-se mulher [...] é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino”, definir a maternidade como algo intrínseco a partir de um padrão de normalidade, considerando normal àquele que reflete as leis da natureza, é algo despotencializador de tudo que pode o corpo feminino, inclusive gestar. Uma vez que a maternidade sendo uma condição subjetiva, ou seja, um modo de vida que o sujeito constitui para si através de todas as particularidades que envolvem o viver, a mulher ao se encaixar no padrão de normalidade sofre uma diminuição de vida, já que estará dependente da norma instituída. Dessa forma é possível perceber que:

A inferioridade da mulher provinha originalmente de ela ter-se limitado a repetir a vida, enquanto o homem inventava razões de viver, a seus olhos mais essenciais do que a pura facticidade da existência; encerrar a mulher na maternidade seria perpetuar essa situação [...] ela só pode consentir em dar vida se a vida tem um sentido; não poderia ser mãe sem tentar desempenhar um papel na vida econômica política e social (BEAUVOIR, 2016b, p.328)

Portanto, há o que Foucault (2014) entende como uma relação de docilidade-utilidade, todavia, o corpo em toda a sua potência mesmo frente a dificuldades, pois como aponta a obra artística “Triste, louca ou má” (HOMBRE, 2016), a recusa em seguir tal “receita cultural” não acontece sem dores, constrói formas de resistência, ao “queimar o mapa, traçar de novo a estrada, ver cores nas cinzas e a vida reinventar”. Logo, almeja-se com este trabalho mapear aquilo que nos paralisa, silencia e abrir passagem para que caminhos de resistência se estabeleçam.

2 | PERCURSO METODOLÓGICO

Ao perceber vivencialmente e após uma extensa revisão literária, a partir de autoras

como Simone de Beauvoir, Djamila Ribeiro, Suely Rolnik, entre outras obras, que a maternidade era a forma despotencializante que mais operava no corpo feminino, não pelo fato de ser mãe, mas pela forma que isso se apresenta a mulher, utiliza-se como ferramenta de pesquisa qualitativa a metodologia História Oral de Vida, que é uma das ramificações da História Oral. Tal metodologia pode ser definida como um caminho construído e percorrido entre pesquisador e objeto de estudo na figura de seu colaborador, através das experiências vividas em complementaridade com o contexto social, onde entrevistador e entrevistado se misturam. A história oral, não é de forma alguma apenas um método para coleta de dados, mas sim para o aprofundamento de algo que precisa ser dito, é permitir que através de fontes orais vozes silenciadas possam ser ouvidas, permitir que “tenham acesso à esfera pública, ao discurso público, e o modifiquem radicalmente” (PORTELLI, 2010, p. 3).

A escolha deste método para abordar o tema se deu devido à importância que pretende-se dar a voz das mulheres, oferecendo um espaço de compartilhamento, onde o historiador se coloca disponível à escuta. Quando se convoca o outro na sua palavra, é posto um convite para se auto perceber, desta forma, ouvir essas mulheres não é uma forma de comprovar algo que já está sendo dito, de ilustrar o que vem sendo estudado ou coletar dados. Ouvir essas mulheres, assumindo o compromisso ético da história oral com a palavra do outro, é a possibilidade do aprofundamento de algo que precisa ser dito, é reforçar aquilo que o sujeito têm, tomando a história oral em consonância com Alessandro Portelli (1997) como “arte de ouvir”, ou seja, ouvindo o que o outro quer dizer e não arrancando coisas das pessoas. Aqui a proposta não é dar a voz, pois sempre tiveram, mas expandir o seu alcance, coloca-la em lugar central. Objetivou-se trabalhar com entrevistas livres, por isso não há um questionário estabelecido previamente, considerando que “não há técnicas de entrevista, mas éticas na entrevista: respeito, paciência, flexibilidade, paixão autêntica de conhecer os outros e de estar com eles em uma história compartilhada” (PORTELLI 2010, p.6). Mas para iniciar a entrevista e delimitar um recorte dentro de um tema tão vasto, se fez importante a construção de algumas perguntas disparadoras que foram pensadas a fim de compor uma narrativa de acordo com a própria mulher, ou seja, ouvir o que elas têm a dizer e não o que se espera que elas digam.

Foram ouvidas através das entrevistas oito mulheres, compreendidas num intervalo etário entre 30 e 56 anos, residentes nos municípios de Macaé, Rio das Ostras e Belford Roxo, todos localizados no estado do Rio de Janeiro, que tornaram-se mães em diferentes períodos históricos, entre 2000-2018, onde almeja-se compreender as experiências vividas por essas mulheres e como elas as interpretam. A proposta em trabalhar com mulheres de diferentes idades, dentro de diferentes períodos históricos, foi observar em contraste com estudos bibliográficos como a sociedade trata o “ser mãe” a partir do que se entende como ser mulher, para compreender o que esta diferença provoca nestes relatos. Onde algumas destas mulheres tendo circulado entre os dois períodos, vivenciando a maternidade mais de uma vez, relatam como se perceberam em cada experiência.

Visa-se então responder a seguinte pergunta: como o contexto social em que a mulher está inserida pode influenciar na escolha em se tornar mãe e em sua vivência dentro das implicações da maternidade? Lélia Gonzalez (1983) aponta que falar muitas vezes é um ato perigoso, diante disso questiono-me, onde mora o perigo em ouvir uma mulher? Por que nossa sociedade tem tanto medo do que temos a dizer? O encontro de falas ou o reconhecimento de pontos comuns entre as narrativas, não supõe que as experimentações tenham sido as mesmas, o que “essas mulheres partilham [são] processos de resistências” (RIBEIRO, 2017, p.16) para além do fato de ser mãe, mas que muito embasam sua trajetória dentro de tal posição. O medo localiza-se então na potência que há nesses encontros de produzir resistências que estilham as máscaras massificantes que tentam nos impor.

Dessa forma, ao trabalhar com as narrativas o objetivo não é definir o que é ser mãe, pois não me proponho a universalizar discursos, visto que “ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal” (RIBEIRO, 2017, p.34). É poder enxergar o que há de singular em cada experiência, entendendo a singularidade como o fruto do embate entre o social e o individual que produz agenciamentos na subjetividade, é desconstruir a ideia de uma maternidade ideal. Pois assim como relata Aline¹: “É muito difícil sim ser mãe, independente da época e eu acho que cada um tem que encontrar a sua forma de ser mãe, de se doar, de educar e não existe, eu acho, uma regra, uma forma, acho que vai de acordo com a vida de cada um, com o que é possível para cada um fazer naquele momento, porque cada um vive um momento e sabe como é que tem que agir [...] a maternidade é muito pessoal, não existe uma regra, uma forma, cada um tem que encontrar o seu jeito de ser mãe.”

3 | GESTÃO DO FEMININO

Considerando como o corpo e a subjetividade se configuram historicamente, “é a interação do indivíduo com os outros e com o mundo, em um determinado período histórico, a principal responsável pela organização de seus padrões de conduta e de suas reações emocionais e racionais” (BORIS; CESÍDIO, 2007, p.454). Diante disso, como demonstra Foucault (2014, p.29) o investimento sobre o corpo se dá pelas tecnologias de poder que agem sobre ele e o constitui, pois “é sempre do corpo que se trata – do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão”, tornando-se perceptível mediante a íntima relação entre o lugar da mulher e o seu corpo. Logo, a mulher além de buscar a igualdade de direitos busca também a libertação do sofrimento psíquico em ter sido sempre colocada à margem e a ter que corresponder expectativas que impunham-se sobre ela, através da “administração dos corpos e pela gestão calculista da vida” (FOUCAULT, 1988, p. 132) que dentre seus efeitos permitem a sua utilização

¹ Os nomes citados ao longo desta obra são fictícios, preservando assim a identidade das depoentes que colaboraram com o presente estudo.

econômica e produzem um corpo consumidor.

Através de tal mecanismo o sistema capitalista faz “com que o corpo produza e consuma produtos vinculados aos desejos da mulher” (BORIS; CESÍDIO, 2007, p.462), propiciando num dado momento de sua experiência existencial, a adesão aquilo que a oprime. Sendo imposto uma ideologia de fracasso para aquelas que não cumprirem o padrão ditado, fazendo com que consumam e demandem a produção de cada vez mais produtos que farão com que se sintam inseridas nesta nova forma de existir no mundo, onde o corpo fragmenta-se para que cada parte possa ser reesculpida e consertada (DEL PRIORE, 2014).

A vista disso, o modo como nos relacionamos com nosso corpo representa a identidade que estamos produzindo. Mas será que já nos damos conta disso? Até quando participaremos desse funcionamento tirânico que mais tem adoecido mulheres atualmente? Para isso é preciso que a mulher compreenda que somente ela pode modificar esta relação, pois “as ideologias patriarcais camuflam as injustiças contra as mulheres e o sofrimento causado pelo sistema capitalista” (BORIS; CESÍDIO, 2007, p.459), justamente para blindar toda a potência que há no feminino. Portanto, é utilizando este lugar a margem, de modo estratégico, que podemos alcançar o centro, repensarmos e desconstruímos lugares despotencializadores e excludentes já postos pela figura do homem, branco e heterossexual, como sujeito universal e detentor de todo saber, até mesmo sobre a mulheres. Falaremos assim, em nome próprio.

Em face do exposto, como muitos já se questionaram e se ocuparam em definir, poderemos nos questionar: o que afinal de contas é a mulher? Tal questionamento não é recente, desde os tempos de São Tomás e Aristóteles que entendiam a mulher por um parâmetro comparativo em relação ao homem, onde a percebiam como incompleta por sua deficiência natural de qualidades. Buscava-se uma definição para este ser que perante o abismo existente entre explicações biológicas, filosóficas e místicas, pouco espaço possuía para que falasse sobre quem e como de fato se percebia. Envolta em explicações biológicas simplistas em que bastava o útero, característico da fêmea, para configurar uma mulher; filosóficas que a compreendiam como secundária em resultado de alguma situação, ou seja, não há a mulher, existem padrões de feminilidade mutáveis que a configuram como tal; chegando até mesmo ser associada com algo místico, sendo vistas como bruxas. (BEAUVOIR, 2016a, DEL PRIORE, 2014).

O que entendemos como ser mulher, bem como o seu lugar na sociedade e sua função na mesma é constituído por discursos, sendo assim, não é algo natural como muitos acreditam. O que nos faz pensar a importância de compreender a história das mulheres, revisitar o passado, para que entendendo a construção do corpo seja possível pensar que “se nem sempre foi assim é possível lutar pela liberdade”, onde o desejo como almejam Guatarri e Rolnik (2005) possa se virar como poder, e não haja opressores, nem oprimidos. Pois todas as formas de poder que se exercem sobre a mulher não constituíram um corpo

integralmente docilizado, uma vez que como afirma Foucault (1988) onde há poder institui-se de igual modo resistências, que atravessam o tecido espesso constituído por relações de poder.

Contudo, “se a função de fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também a explicá-la pelo ‘eterno feminino’ e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na Terra, teremos que formular a pergunta: o que é uma mulher?” (BEAUVOIR, 2016a, p.11). Como é possível perceber diante de tantos estudos até o presente século, nenhuma definição conseguiu contemplar plenamente a existência da mulher, dada toda a sua potência surpreendente, dado tamanho desconhecimento da mesma, mas o que torna-se perceptível é que ela está constantemente em construção, ou deveríamos dizer em desconstrução?

Dessa forma, mesmo a vida sendo tão bem regulada por uma gestão biopolítica algo sempre escapará deste controle em um processo contínuo. Beauvoir (2016b) demonstra que a mulher ainda tem estado presa ao modo de ser mulher no passado, se considerarmos que ela ainda é muito cobrada a seguir o modelo idealizado da mãe ideal, até mesmo nos questionamentos atuais há uma nova roupagem sob os mesmos padrões de outras épocas. Contudo, é notório como a mulher tem avançado consideravelmente, deixando a imagem de um ser frágil para se assumir como “um ser em construção, na busca de seu desenvolvimento e realização de potencialidades”, (BIASOLI- ALVEZ, 2000, p.233) o que só é possível por lutas e resistências que marcam a história das mulheres. Visto que, por esta íntima relação entre poder e resistência, como apresenta Roza (2015, p.106) ao indicar que “o poder quando objetiva a vida suscita por sua vez uma vida que resiste ao poder”, a mulher redescobre e reconfigura sempre sua existência.

Ai que saudade da Amélia! declarava Mario Lago em 1942 ao lembrar aquela que durante muito tempo foi tida como a mulher de verdade. Submissa, resignada, sem vaidades e trabalhadora, desde que seu trabalho fosse voltado para as ocupações do lar. Se desprender da Amélia foi e ainda é um processo constante, mas a saudade sentida já é um sinal de que estamos no caminho certo. Caminho este ainda um pouco escuro que pouco a pouco se clareia a luz de grandes mulheres como estas que motivam e compõem este trabalho. Se no século XX vimos ser declarada a saudade da Amélia, hoje escutamos em alto e bom tom na voz da artista Bia Ferreira (2018) que não precisamos ser Amélia para sermos de verdade, independente da raça, orientação sexual, nacionalidade, temos a liberdade de sermos quem quisermos, uma vez que não nascemos femininas, tornamo-nos mulher.

No entanto, nem todas as mulheres acessam as mudanças da mesma forma, o que faz com que muitas ainda estejam sendo silenciadas e mesmo que não mais obrigadas algo as leva à submissão, não somente estrita ao homem, mas uma submissão que penetra tudo que a envolve. Dessa forma, até mesmo o que a liberta em alguma medida a submete. É difícil se desprender, pois por mais que a liberdade seja almejada, ser livre traz muitas

implicações. A mulher que trabalha vê a necessidade de trabalhar excessivamente para alcançar importância no seu ambiente de trabalho, para justificar a si mesma o tempo que fica longe de seus filhos, pois na imprensa e nas conversas a mulher que abandona o lar para ganhar a vida (DEL PRIORE, 2011) ainda é culpabilizada quando não faz parte do modelo de mulher empreendedora que representa a mulher que trabalha, mesmo este não contemplado nem ao menos metade das mulheres de nosso país. Como colocam algumas entrevistadas nos depoimentos a seguir.

Karolina: “Parece que a mulher sempre é obrigada a dar conta, você tem que dar conta do seu filho, você tem que dar conta da casa, você tem que dar conta do seu trabalho, você tem que se virar, mas você tem que dar conta porque o seu filho depende de você.”

Tatiana: “Me sinto sempre uma equilibrista sabe? Minha prioridade, não vou mentir, minha prioridade antes de ter o João era minha vida acadêmica, minha vida profissional, hoje, nesse momento da minha vida, não é. Eu tive dificuldade de deixar o João na creche para poder voltar a estudar e essa dificuldade ainda me acompanha, então eu faço as coisas em um ritmo menor e menos intenso do que eu fazia. Então, por exemplo, os estudos, eu estou tocando em outro ritmo, mas eu toco. Mas o peso parece que me bate, ainda há uma sensação de que o João vive um momento tão precioso que eu tenho que estar com ele o tempo inteiro, sabe? A minha vida continua e perceber que eu sou além do João, porque hoje eu sou a mãe do João, e é muito engraçado como eu não sou mais sozinha, por aonde eu vou eu carrego o João, mesmo na ausência dele. Não é uma coisa tranquila deixar o João na creche e falar ah vou estudar. [...] Não é fácil, é a parte que eu tenho sentido mais dificuldade desde quando me tornei mãe.”

Karolina: “Toda vez que eu tenho que trabalhar é a mesma situação, para mim é desgastante demais, eu já pensei várias vezes em parar de trabalhar por causa dessa situação de não ter uma pessoa certa para ficar com ela, ter sempre que ficar pedindo.”

Aline: “Quando eu saí da licença maternidade ela foi para creche, [...] de manhã ela ficava com a minha mãe, aí minha mãe cuidava, essa coisa toda e a tarde quando eu ia para escola levava ela junto comigo. Assim eu fiz durante um ano, só que ao mesmo tempo muita cobrança minha com a questão da maternidade, poxa vida! Estou trabalhando tanto, o dia todo fazendo as coisas, a gente se projeta para dar o melhor, mas não estou vivendo essa coisa de estar junto dela, de estar vendo ela crescer.”

Tais dificuldades dizem respeito a forma que nossa sociedade se estrutura, pois como demonstra Beauvoir (2016b, p. 328) “numa sociedade convenientemente organizada, em que o filho estivesse até certo ponto a cargo da coletividade, a mãe tratada e auxiliada, a maternidade não seria absolutamente incompatível com o trabalho feminino”, não só com o trabalho como também por sua participação social em todas as esferas que busque se envolver. O que torna perceptível a estratégia de uma regulação que enclausura mulheres a maternidade para fixa-las apenas ao lugar pré estruturado da mãe. No entanto, não creio que todo caminho nos leva compulsoriamente até a maternidade, muitas mulheres

optam por ser mãe de forma consciente, outras da mesma forma optam por escolhas opostas, ou oscilam durante sua vida entre as duas opções. A ideia aqui não é um repúdio à maternidade, como na mesma medida não é um direcionamento para uma escolha romantizada, é entender estas escolhas ao invés de fugir delas, ou mergulhar de cabeça inconsequentemente nas mesmas, ver o que há por detrás e poder escolher por si mesma seja lá qual for a escolha, desde que feita pela mulher e que ela tenha recursos e liberdade para que isto venha se efetivar.

A imagem da mulher tem estado atrelada a um discurso moralizador que a coloca em posições que não comportam sua potência de vida, visto que nestes lugares dentro de uma lógica patriarcal em que é inserida ela é direcionada a repetir a vida, ao invés de criar novos modos de viver. Sendo assim, a maternidade é tida como um meio de encerrar a mulher neste arranjo, uma vez que impõe-se a ela não só a maternidade como condição para um posicionamento social, sendo esta a função que ela precisa se ocupar devido a sua importância frente a sociedade, como também um modelo ideal de mãe que funciona como forma de captura da subjetividade a serviço do Estado e até mesmo de sua organização econômica.

Tatiana: “Eu sentia assim uma cobrança. ‘Aí não come isso ou come mais isso porque você já é mãe, você já tem que começar a cuidar do seu filho agora’, eu achava isso uma intrusão, como se eu não fosse capaz de decidir o que é melhor pra mim e para o meu filho, eu me sentia já invadida, então eu acho que esse lugar que as pessoas querem colocar a mãe quando ela tá grávida é assim ‘ah ela não sabe de nada, eu preciso que outras mulheres venham me contar o que é ser mãe’, não! Eu não quero! [...] Eu via realmente um pouco de graça, eu ficava rindo porque eu não imaginava que fosse tão, uma vigia, uma vigilância sobre a mulher tão grande.”

Tal vigilância sentida e exposta por Tatiana exemplifica a captura funcional economicamente, pois frente a tantos imperativos como a alimentação adequada a partir de um molde de adequação que desconsidera múltiplas realidades, ou o modo como se deve educar um filho, internalizado e propagado por mulheres capturadas, faz com que tudo seja transformado em mercadoria de alcance para o fim de uma existência feminina idealizada.

“Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de ‘baixo’ e se distribua estrategicamente” (FOUCAULT, 2004, p.213). Assim sendo, “sem qualquer previsibilidade do que virá a ser, o tempo, todavia, projeta utopias e desenha com as cores do presente, tonalizadas pelas cores do passado, as possibilidades do futuro almejado” (DELGADO, 2003, p.10), permitindo que assim como já vem avançando as mulheres possam resistir e tomar seu lugar permanente, ativo na sua história e na história social. intensificando a “potência produtiva do desejo para investir em novas direções, das quais surgiriam, por exemplo, novos territórios femininos” (ROLNIK, 2016, p. 109), permitindo que estas mulheres possam se perceber como mulher,

para além de ser mãe e que consigam se posicionar em suas relações de forma inventiva, genuína e estratégica.

4 | DESENLACE

Desenlace é o puxar da ponta de um laço feito entre a mulher e a sociedade que de tão apertado tornou-se nó, um nó que prende, enclausura, sufoca. Assim sendo, este estudo inicia-se a partir de uma revisão bibliográfica em que buscou-se destrinchar a produção do lugar da mulher socialmente e como a posição em que almeja-se enquadrá-la a despotencializa. Onde, ao acompanhar o percurso histórico, compreendido entre século XVIII-XXI percebe-se como este lugar foi e é algo marcante em nossa sociedade e os efeitos no corpo feminino. Corpo este que sendo alvo do poder, em cada época foi atingido por algum instrumento, mas o que permanece em todas é como que mesmo entre diferentes contornos a maternidade é sempre uma questão presente, o que motiva esta pesquisa, a compreensão do que torna a maternidade para além do corpo algo tão central dentro da presente organização social.

A imagem da mulher tem estado atrelada a um discurso moralizador que a coloca em posições que não comportam sua potência de vida, visto que nestes lugares dentro de uma lógica patriarcal em que é inserida ela é direcionada a repetir a vida, ao invés de criar novos modos de viver. Desta forma, a maternidade é tida como um meio de encerrar a mulher neste arranjo, uma vez que impõe-se a ela não só a maternidade como condição para um posicionamento social, sendo esta a função que ela precisa se ocupar devido a sua importância frente a sociedade, como também um modelo ideal de mãe que funciona como forma de captura da subjetividade a serviço do Estado e até mesmo de sua organização econômica. Sendo assim, conclui-se a presente pesquisa compreendendo que é necessário sempre nos voltarmos ao seguinte questionamento “o que pode o corpo feminino?”, para que ao percebermos todas as suas multiplicidades cada vez mais venhamos nos desprender das correntes que o amarra.

REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2019.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: O Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3ª ed. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 2016a.

_____. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016b.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 233-239, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4810.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESIDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v7n2/12.pdf>>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, nº6, p.9-25, 2003. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=vie &path%5B%5D=62&path%5B%5D=54>>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas**: sexualidade e erotismo. São Paulo: Planeta, 2011.

_____. **Histórias e conversas de mulher**. 2ª ed. São Paulo: Planeta, 2014.

FERREIRA, Bia. Não precisa ser Amélia. **Bia Ferreira no estúdio Showlivre**. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eafn3B5KVII>>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. 15ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Microfísica do Poder**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004. 295 p.

_____. Os corpos dóceis. In: _____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014. pt. 133-138.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antonio et al. **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília: ANPOCS, 1983. pt. 223-244

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografia do desejo: Rio de Janeiro. **Vozes**, 2005.

HOMBRE, Francisco El. Triste, Louca ou Má. **Soltasbruxa** 2016. Disponível em: <https://youtu.be/IKmYTHgBNoE>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

LAGO, Mario; ALVES, Ataulfo. Ai que saudade da Amélia. **A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes**. Faixa, v. 1, 1942.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. **Mnemosine**, vol.6, nº2, p. 2-13. 2010. Disponível em: <http://mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/viewFile/198/pdf_183>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 13-49. 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11215/8223>>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

RIBEIRO, Djamil. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. [online]

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2ªed. Porto Alegre, Sulina, 2016.

ROZA, Monica. Uma relação entre conceito de saúde, normatividade e biopolítica. In: BAGRICHEVSKY, Marcos; ESTEVÃO, Adriana. **Saúde Coletiva**: dialogando sobre interfaces temáticas. Ilhéus: Editus, 2015. 542 p.91-119. Disponível em: <http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais2015/saude_coletiva.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 66, 72, 102, 104

Antifeminismo 174, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

Aprendizagem 41, 44, 45, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 56, 63, 64, 65, 67, 71, 73, 79, 80, 81, 83, 85, 90, 113, 119, 122, 125, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 147, 149

Autoestima 49, 51, 64, 80, 169, 185, 187, 190, 192, 194, 195, 197, 199

B

Baralho do sono 61, 62, 68, 69, 70, 71

C

Captura 33, 150, 157, 158

Cidadania 74, 82, 84, 116, 139, 140, 145, 148, 161, 162, 171, 173

Conceituação 102, 103, 107, 112

Conflito 36, 43, 51, 112, 115, 135

Convívio 29, 75, 83, 115, 116, 141

Crianças 33, 44, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 80, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 116, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140

Críticas ao feminismo 174, 177

D

Democracia 115, 118, 161, 167, 171

Depressão 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 64, 190, 194, 195, 196

Desafios do movimento feminista 174, 177

Desenvolvimento infantil 61, 64, 70, 71, 127, 128

Destreza motora 86, 87, 98, 101

E

Economia solidária 161

Édipo 14, 18

Educação 12, 13, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 101, 102, 113, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 172, 176, 184, 185, 201

Educação nos presídios 40

Educação parental 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135
Ensino 27, 41, 45, 46, 47, 61, 69, 70, 71, 76, 81, 83, 85, 115, 117, 120, 121, 122, 130, 133, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 193, 201
Escola 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 61, 69, 70, 72, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 90, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 156
Escrita acadêmica 1, 11, 12
Escuta clínica 40, 45, 47
Estimulação 45, 123, 131, 132, 133, 134
Estranho 8, 14, 20, 25, 26

H

Histórico 7, 38, 85, 102, 112, 140, 153, 158, 162, 176, 180, 184

I

Implicação 1, 3, 5, 6, 7, 11, 13, 142
Infância 64, 65, 70, 72, 87, 113, 125, 126, 134

L

Leitura e escrita 48, 49, 50, 52
Linguagem infantil 86, 125, 134
Loucura 18, 58, 59, 60

M

Maternidade 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 177
Modelo integrado 123, 126, 134, 135
Mulher 23, 27, 50, 124, 130, 132, 135, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 183, 187, 197

N

Narrativas de histórias 48

O

Otimismo 185, 187, 189, 190, 191, 192, 195, 197, 198

P

Pelbart 58, 59, 60
Periferias 74, 75, 76, 77
Pesquisa participante 1
Pessoas com deficiência 74, 75, 78, 79, 82, 83, 84, 85
Práticas educativas 123, 126, 132, 138, 142, 147

Profissionalização 74, 75, 78, 81, 82, 83
Protagonismo feminino 161, 162, 171, 172
Psicanálise 16, 27, 28, 35, 38, 39, 40, 44, 47, 48, 57, 200, 201
Psicologia educacional 137
Psicologia positiva 185, 187, 189, 190, 198, 199, 200
Psicopedagogia 48, 57, 201
Psicose 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 25, 26, 27, 35

R

Recurso psicoeducativo 61, 62, 68, 71
Relacionamento 45, 88, 119, 123, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139

S

Sociedade 16, 19, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 42, 45, 47, 58, 59, 60, 62, 64, 72, 73, 77, 82, 83, 84, 85, 115, 116, 118, 121, 122, 137, 138, 147, 149, 150, 152, 153, 154, 156, 157, 158, 165, 167, 168, 169, 171, 175, 179, 180, 182, 183, 187

T

TDAH 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113
Trabalho 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 14, 15, 16, 23, 24, 26, 36, 37, 38, 42, 44, 45, 48, 49, 50, 52, 53, 61, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 81, 83, 84, 85, 96, 102, 104, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 121, 124, 126, 133, 139, 140, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 155, 156, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 190
Transexualidade 185, 186, 187, 188, 197, 198
Transtorno do espectro do autismo 86, 87, 90

PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



facebook.com/atenaeditora.com.br

PSICOLOGIA:

Trabalho e sociedade,
cultura e saúde



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



facebook.com/atenaeditora.com.br